

## APRESENTAÇÃO

A planificação inicial da seção monográfica do presente número respondia a dois propósitos de distinta, embora convergente, ordem. O primeiro, um objetivo institucional: pretendia acompanhar a prática da iniciativa da Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI)<sup>1</sup>, que tenta definir as metas educativas para a Íbero-América com o horizonte no ano 2021. O segundo propósito, mais ajustado à linha editorial que a RIE vem mantendo, propunha um exercício de prospectiva que permitisse oferecer aos leitores uma seleção representativa de uma teoria imaginária sobre o futuro da educação, em médio prazo, em nossa área de atividade.

A resposta a essa convocação resultou numa quase inesperada – embora bem-vinda – contundência. A indubitável representatividade e contrastada experiência dos autores que se interessaram por nossa proposta põe de manifesto a necessidade do debate aberto em torno ao futuro, esperado e esperável, da educação ibero-americana e a oportunidade e pertinência do projeto da OEI.

Por outra parte, o tratamento que esses especialistas realizaram mostra-nos a conveniência de desertar de propostas que não levem em consideração os elementos tanto históricos como atuais, que dão sentido e concretizam a realidade educativa da qual se parte na busca daquele horizonte que, como tal, resultará utópico de necessidade.

Os autores vêm nos dizer, a partir de cada uma de suas formas de ver e de interpretar esta realidade, que a educação, como toda atividade humana, é devedora de seu passado e que seu porvir está escrito na base do seu próprio presente. Mas também nos recordam, com alguns exemplos, que os diferentes componentes desse presente, e sua evolução, serão alguns dos elementos que darão forma e conteúdo à educação de amanhã.

---

<sup>1</sup> O projeto tem como título «Metas educativas 2021: a educação que queremos para a geração dos bicentenários».

Longe de toda intenção determinista, os autores consideram que o fator ao redor do qual seguirá se desenvolvendo o processo educativo e sobre o qual descansa a responsabilidade na construção da «educação para a geração dos bicentenários» é a intervenção humana (política, ética, pedagógica, econômica, etc.).

Não vale, nesta tarefa, o uso indiscriminado da oca imaginação ou da irreal construção de inconsistentes fantasias. Trata-se, em todo caso, de projetar, sobre uma definida temporalidade, os possíveis e desejáveis estados de uma realidade educativa imersa nos respectivos processos históricos dos quais faz parte, e cristalizada unicamente pela tecnologia aplicada à sua análise transversal.

Por outro lado, os artigos que compõem a seções «Outros temas» são um exemplo apropriado de uma das características que definem as publicações científicas: a incerteza sobre a disponibilidade de trabalhos que, por seu interesse e qualidade, tornem inescusável a obrigação de sua publicação. Esta característica se combina com o inconveniente de que nem sempre coincide no tempo editorial, suficiente quantidade de material que responda a esses critérios.

Nesta oportunidade produziu-se esse tão almejado fenômeno, permitindo-nos oferecer aos leitores quatro artigos que, além de seu interesse temático e sólida elaboração, contam com o respaldo da firma de autores de reconhecido prestígio nos respectivos âmbitos acadêmicos em que atuam.

Assim, a partir da psicologia social, Maria de La Villa Moral propõe e analisa a tese de que as escolas são um sintoma do aparente mal-estar que produz a contradição e falta de correspondência existente entre uma instituição da modernidade e os alunos, como indivíduos de uma sociedade de condições pós-modernas.

Begoña Gros e Pablo Lara pesquisam sobre o conceito de «inovação» no âmbito da formação na educação superior e o fazem a partir do modelo adotado pela universidade em que atuam profissionalmente.

O artigo de José Penalva vem questionar que o discurso da educação emocional, que se impôs como um complemento superador do excesso cognitivista na teoria da educação, suponha uma resposta satisfatória à complexidade antropológica e às necessidades educativas do ser humano.

Não basta com que uns conteúdos e situações de aprendizagem dispostos em classes *on line* sejam «assistidos», devem ser operados individual e coletivamente para que levem implícitos, entre outras, possibilidades de interatividade entre os atores. Desta premissa Marco Silva e Edméa Santos constroem sua exposição sobre o desenho didático da educação *online*.

As já habituais Recensões da seção «Novidades editoriais», completam um número que espera participar positivamente do processo de construção da educação, do qual tomou emprestado seu título.

Até a próxima.

*Roberto Martínez Santiago*